

Pescador assume mortes no AM, diz PF



Policiais trazem restos humanos recolhidos do local onde pescador diz ter enterrado corpos de Dom Phillips e Bruno Pereira; perícia vai fazer a identificação

Pescador preso confessou assassinato de indigenista e jornalista no AM, diz PF

Restos humanos são achados, e perícia apontará se são dos dois desaparecidos; suspeito indicou onde havia enterrado os corpos



Dom Phillips (esq.) e Bruno Araújo Pereira, que foram mortos no AM

Restos humanos são achados, e perícia apontará se são dos dois desaparecidos; suspeito indicou onde havia enterrado os corpos. A perícia também vai determinar a causa da morte e a arma utilizada no crime. Segundo a PF, Pedalo disse que os corpos foram encontrados em um campo de fogo. Pereira e Phillips desapareceram em 5 de junho quando retornavam de barco ao município de Atalaia do Norte (AM). Trata-se do município mais próximo à terra indígena do Vale do Javari. De acordo com Eduardo Alexandre Fontes, superintendente da PF no Amazonas, foram encontrados corpos em 31 km mata adentro. Segundo ele, não teria sido possível encontrar os restos humanos nesse período de tempo caso não houvesse a comissão de perícias para identificar os restos humanos encontrados nos locais. A perícia também vai determinar a causa da morte e a arma utilizada no crime. Segundo a PF, Pedalo disse que os corpos foram encontrados em um campo de fogo. Pereira e Phillips desapareceram em 5 de junho quando retornavam de barco ao município de Atalaia do Norte (AM). Trata-se do município mais próximo à terra indígena do Vale do Javari. De acordo com Eduardo Alexandre Fontes, superintendente da PF no Amazonas, foram encontrados corpos em 31 km mata adentro. Segundo ele, não teria sido possível encontrar os restos humanos nesse período de tempo caso não houvesse a comissão de perícias para identificar os restos humanos encontrados nos locais.

Continuação de pág. 44

Nesta quarta, a PF levou Pedalo ao local dos desaparecimentos. Ele estava totalmente coberto quando foi levado para a busca dos corpos. A embarcação com policiais federais subiu o rio Itaquá, percorrido por Pereira e Phillips, pouco antes das 19h (5h no horário de Brasília). O outro suspeito conhecido, Osmey de Oliveira, o Dostatos, preso na terça (14), permaneceu em Atalaia nesta quarta para a análise de cativeiro. Ele é irmão de Pedalo. A PF disse que ele nega ter participado do crime.

O superintendente da PF do Amazonas disse ainda que há indícios de participação de uma terceira pessoa no crime. Os irmãos vivem na comunidade São Gabriel, onde moram ribeirinhos que sobrevivem da pesca e da agricultura. Nesta quarta, após saída coletiva de imprensa dos investigadores em Manaus, a esposa de Phillips, Alessandra Sampaio, disse que o "defeito trágico" pelo fim à angústia de não saber o "paradiso" de seu marido e Pereira.

"Agora podemos levá-los para casa e nos despedir com amor", disse Alessandra, em um comunicado. Ela afirmou ainda que, agora, sem início agora uma jornada por justiça. "Espero que as investigações exponham todas as possibilidades e tragam respostas definitivas, com todos os dobramentos pertinentes, o mais rapidamente possível". As buscas por vestígios de Pereira e Phillips estão em centenas de municípios do rio entre São Gabriel e a comunidade Cachoeira. Durante as buscas, os equipes conseguiram localizar uma mochila, roupas e um documento pessoal do indigenista.

A investigação aponta a pesca e a caça ilegal na região e os conflitos decorrentes das atividades ilegais — como poço de fundo do rio. Segundo a polícia, Pedalo indicou que a lancha em que viajavam Pereira e Phillips foi afundada propositalmente. A embarcação ainda não apareceu, mas será buscada nesta quinta-feira, disse Fontes.

As autoridades que participaram da entrevista disseram ainda que novos corpos podem ocorrer. "Todos os esforços foram empregados. Nossa missão precisa descer de início em encontrar los com vida. Infelizmente tratamos essa triste notícia", disse o delegado da Polícia Civil Guilherme Torres.

Ele afirmou que a força-tarefa não terminará nesta quarta e que não descartará a hipótese de outros corpos estarem envolvidos. "Hoje, podemos dizer que um grande passo foi dado neste caso: o cadáver de um crime brutal". Na semana passada, após ser preso, Pedalo afirmou em audiência de custódia em Atalaia do Norte que havia sido torturado e agredido por policiais. O relato contou a história de sua vida na comunidade São Gabriel, onde mora com sua esposa e filhos. Ele afirmou que havia sido torturado e agredido por policiais. O relato contou a história de sua vida na comunidade São Gabriel, onde mora com sua esposa e filhos. Ele afirmou que havia sido torturado e agredido por policiais.

Crime no AM piora imagem do Brasil, mas possui efeito eleitoral limitado

Consequências para Jair Bolsonaro e seus aliados tendem a ser limitadas a quem já os despreza

ANÁLISE

Igor Gielow

O assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips completa um ciclo de decadência da imagem internacional do Brasil que iniciou suas raízes em tempos da ditadura de 1964 e dos primeiros anos da redemocratização. Poucos temas brasileiros atraem tanta atenção no exterior quanto a Amazônia, até pela dimensão da importância internacional do país após a onda das commodities dos anos 2000, habilitante surfado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e sua megápoliana política externa, desaguando no dilema ideológico do titular de Ernesto Araújo e sua atual versão andôlida.

Por isso, os grandes incêndios e o aumento do desmatamento a partir de 2019, já sob a batuta e a reação apoplética de Bolsonaro no Palácio, formam com a tragédia da dupla no vale do rio Javari um capítulo de história a ser observado estrangeiro — mesmo que as razões do ocorrido estejam há décadas. A Amazônia é a nossa área tribal paquistanesa, nossa República Centro-Africana.

Na realidade, isso tem a ver com o que pensa e faz no cargo Bolsonaro sobre a região, mas nada tem de novo. Basta lembrar de Chico Mendes, morto no caso da Nova República em 1988, ou de Dorothy Stang, assassinada no 2005, que antecederam uma redefinição para Lula. Isso tem alto custo num mundo em que o ESG (critério de desempenho no ambiente, na responsabilidade social e na governança) dá o tom da sustentabilidade corporativa. Ela conta que é a borda de um campo que é cartada e orientada investidores. A figura pessoal do presidente não ajuda. A total fal-

ta de empatia ao tratar do caso Bruno Born, com falas que além de infelizes transmitem a real visão do ativismo ambiental do jornalismo, apenas confirma aquilo que se vê em charges e boncos satíricos. Uma diplomata leuada na Europa, com experiência em três continentes, comenta antes da confirmação da morte no Amazonas que não se achava tão tanta vergonha e na governança) dá o tom da sustentabilidade corporativa. Ela conta que é a borda de um campo que é cartada e orientada investidores. A figura pessoal do presidente não ajuda. A total fal-

ta de empatia ao tratar do caso Bruno Born, com falas que além de infelizes transmitem a real visão do ativismo ambiental do jornalismo, apenas confirma aquilo que se vê em charges e boncos satíricos. Uma diplomata leuada na Europa, com experiência em três continentes, comenta antes da confirmação da morte no Amazonas que não se achava tão tanta vergonha e na governança) dá o tom da sustentabilidade corporativa. Ela conta que é a borda de um campo que é cartada e orientada investidores. A figura pessoal do presidente não ajuda. A total fal-

ta de empatia ao tratar do caso Bruno Born, com falas que além de infelizes transmitem a real visão do ativismo ambiental do jornalismo, apenas confirma aquilo que se vê em charges e boncos satíricos. Uma diplomata leuada na Europa, com experiência em três continentes, comenta antes da confirmação da morte no Amazonas que não se achava tão tanta vergonha e na governança) dá o tom da sustentabilidade corporativa. Ela conta que é a borda de um campo que é cartada e orientada investidores. A figura pessoal do presidente não ajuda. A total fal-

ta de empatia ao tratar do caso Bruno Born, com falas que além de infelizes transmitem a real visão do ativismo ambiental do jornalismo, apenas confirma aquilo que se vê em charges e boncos satíricos. Uma diplomata leuada na Europa, com experiência em três continentes, comenta antes da confirmação da morte no Amazonas que não se achava tão tanta vergonha e na governança) dá o tom da sustentabilidade corporativa. Ela conta que é a borda de um campo que é cartada e orientada investidores. A figura pessoal do presidente não ajuda. A total fal-



Ato cobra a investigação do desaparecimento de Dom e Bruno, em Brasília

Bolsonaro diz que Dom era malvisto na Amazônia e devia ter tido mais cuidado

Matheus Teixeira

BRASÍLIA | O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou nesta quarta-feira (15) que o jornalista britânico Dom Phillips, 57, era malvisto na região porque fazia reportagens contra garimpeiros e que ele deveria ter tido mais atenção. "Consegui próprio". Falando em entrevista à jornalista Leila Nogueira, simpaticante do bolsonarismo, o chefe do Executivo disse que Phillips e o indigenista brasileiro Bruno Pereira, 41, "resolveram entrar numa área completamente inóspita e sem segurança".

As declarações de Bolsonaro foram criticadas por entidades que apontam o respeito do presidente pelo jornalista. Elas ocorreram durante de questionamentos à atuação do Executivo tanto na reunião inicial para a busca do indigenista e do jornalista como devido à atuação do governo na região.

A Anistia Internacional disse na tarde desta quarta (14) que "os comentários cruéis e insensíveis do presidente Bolsonaro caracterizam a inessencialidade do manejo da autoridade". "Tramam a busca pelos dois desaparecidos", afirmou o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o pesquisador Alana Couto disse no posicionamento que Bolsonaro incentiva ainda mais a violência relacio-

nada ao garimpo, ao desmatamento e à exploração ilegal de madeira na Amazônia. "É um ato covarde de um presidente, que fundamenta o apoio da violência contra ambientalistas, lideranças indígenas e também contra gente contra garimpeiros e que ele deveria ter tido mais atenção", disse o presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, questionando a forma como Bolsonaro se refere a reporteres. "Não é a primeira vez que o presidente da República trata o jornalismo como, no mínimo, um incômodo. É sempre com muito desprezo", disse.

Para Maria José Braga, presidente da Fraj (Federação Nacional dos Jornalistas), com a declaração, Bolsonaro tenta novamente "descredibilizar" o trabalho do profissional de imprensa. A tarde, em evento no Palácio do Planalto, Bolsonaro afirmou que o episódio deveria chegar a um desfecho ainda nesta quarta. "A gente lamenta o desaparecimento. Inglês e um brasileiro, que sabem dos perigos da região e, pelo que tu tu indica, nas próximas horas, pelo que tudo indica, se não devendo ser desesparatamento".

Ele questionou ainda se estaria sendo culpado pelo que ocorreu com os dois. "Quando mataram a Dorothy Stang, ninguém culpou o governo. [O governo] era de esquerda, mas tudo bem". A missionária foi assassinada em 2005, tentando proteger trabalhadores rurais em um conflito agrário no Pará. "Ese inglês [Phillips] era malvisto na região, porque fazia muita matéria contra garimpeiros, questões ambientais, então, naquela região lá, que é bastante isolada, muita gente não gostava dele", afirmou.

Ele tinha que ter mais que redobrada atenção para consigo próprio e resolveu fazer uma excursão. A gente não sabe se alguém viu o corpo dele, li tem pirata no rio, li tem tudo que possa imaginar", disse.

O mandatário afirmou que os dois desaparecidos deveriam estar armados para se protegerem na região. Também nesta quarta-feira, o primeiro ministro do Reino Unido, Boris Johnson, afirmou no Parlamento britânico estar "profundamente preocupado" com o fato de seu contrerário ainda não ter sido encontrado na Amazônia.

Em resposta a uma solicitação da parlamentar e ex-primeira ministra Theresa May, disse que havia oferecido aos brasileiros "toda a ajuda de que possam necessitar". Bolsonaro não comentou a fala do premiê britânico.

Morto aos 41, Bruno Pereira traçou Funi por ação direta com indígenas

ROSE ANJOS E RUIBRO PEREIRA

O indigenista Bruno Pereira, 41, assassinado no Vale do Javari, fundou a ONG União dos Povos Indígenas do Brasil (UPI) e também trabalhou em um projeto de extensão na região amazônica. Ele, que tinha três filhos — de dois, três e seis anos — era apontado por amigos e colegas como uma pessoa que sempre quis trabalhar com causas sociais. Ele chegou a trabalhar diretamente com a ONG União dos Povos Indígenas do Brasil (UPI) e também trabalhou em um projeto de extensão na região amazônica. Ele, que tinha três filhos — de dois, três e seis anos — era apontado por amigos e colegas como uma pessoa que sempre quis trabalhar com causas sociais. Ele chegou a trabalhar diretamente com a ONG União dos Povos Indígenas do Brasil (UPI) e também trabalhou em um projeto de extensão na região amazônica.

Dom Phillips, assassinado aos 57, amava o Brasil e a Amazônia

ROSE ANJOS E RUIBRO PEREIRA

Há 35 anos vivendo no Brasil, o jornalista britânico Dom Phillips, 57, assassinado no Vale do Javari (AM), estava escrevendo um livro que tinha tudo a ver com sua viagem a Atalaia do Norte (AM), "Como Salvar a Amazônia". Qualificado pelos amigos como generoso, cuidadoso, gentil e escolto, Phillips cresceu em Boleington, cidade de 16 mil habitantes em Liverpool, no Reino Unido. Quando jovem, tocou nas áreas de busca do ouro. Começou sua carreira jornalística cobrindo o cenário da música eletrônica e foi diretor da revista Mixmag. O britânico escreveu um livro sobre o nascimento da cultura dos DJs, em 2007, já atuava no Brasil contratado por colegas da área musical. A ideia inicial era fazer alguns meses em São Paulo, mas se sentiu bem em casa no país que decidiu se mudar de vez. Ele também morou em terras do Javari, onde esteve de andar de bicicleta e de fazer stand up paddle, e nos últimos meses, se mudou para a Bahia, estado de sua mulher, Alessandra Sampaio. Em sua trajetória profissional morando no Brasil, Phillips passou muitos anos trabalhando como freelancer para o jornal britânico The Guardian. Também escreveu para The New York Times, Washington Post, Financial Times e The Intercept. Conectado muito bem com a Amazônia e tinha uma grande experiência de trabalho junto aos povos indígenas, habilidades que adquiriu por ter se dedicado a essa cobertura praticamente desde o momento em que chegou ao país. Foi em sua trajetória profissional e viabilizou a produção do livro sobre o nascimento da cultura dos DJs, em 2007, já atuava no Brasil contratado por colegas da área musical. A ideia inicial era fazer alguns meses em São Paulo, mas se sentiu bem em casa no país que decidiu se mudar de vez. Ele também morou em terras do Javari, onde esteve de andar de bicicleta e de fazer stand up paddle, e nos últimos meses, se mudou para a Bahia, estado de sua mulher, Alessandra Sampaio.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Página: 4 e 5